OS VÁRIOS CONCEITOS DE “BRASILEIRISMO” A PARTIR DA CANÇÃO DE LENINE *JACK SOUL BRASILEIRO*

Rebeca Fernandes (UERJ)[1]

Resumo: Este trabalho tem por objetivo a análise dos diferentes conceitos de “brasileirismos” a partir do estudo do léxico em Língua Portuguesa. O artigo parte da hipótese de que os critérios propostos por Celso Cunha em sua obra *Que é um brasileirismo,* por mais que se destaquem no estudo sobre o tema, ainda necessitam ser revisitados à luz de novos usos linguísticos e sob a presença lexical nos meios digitais. Outros autores, como Joaquim Mattoso Câmara Jr., Antenor Nascentes e Gladstone Chaves de Melo contribuem para a fundamentação teórica do trabalho em relação às palavras e expressões típicas do Português do Brasil. Para apontamento e demonstração dos critérios sobre a definição de “brasileirismos”, foi escolhida como *corpus* a música *Jack Soul Brasileiro*, do compositor Lenine, levando em consideração a relação entre língua, cultura e gêneros textuais. O tema foi escolhido em razão das divergências existentes na conceituação desse fenômeno linguístico, o que pode ser observado ao aplicá-lo ao gênero canção, visto que as manifestações artísticas populares constituem um exemplo prático do uso cotidiano da língua e revelam, muitas vezes, empregos não registrados nos livros especializados. Já a música *Jack Soul Brasileiro*, em especial, destaca-se pelo uso proposital de brasileirismos e palavras “abrasileiradas” usadas no cotidiano e na formação da identidade tanto nacional, quanto regional.

Palavras-chave: Léxico. Brasileirismos. Lenine.

Abstract: This paper aims to analyze the different meanings of “brasileirismos” (Brazilian Portuguese expressions) through the study of the Portuguese language lexicon. The article is based on the idea that the criteria proposed by Celso Cunha in his book *Que é um brasileirismo?*, although important in studies on the topic, still need to be reviewed in light of new language uses and the presence of vocabulary in digital media. Other authors, such as Joaquim Mattoso Câmara Jr., Antenor Nascentes, and Gladstone Chaves de Melo, also help to support the theoretical part of this work, especially about words and expressions typical of Brazilian Portuguese. To show and explain the criteria for defining “brasileirismos,” the song *Jack Soul Brasileiro*, by the singer and composer Lenine, was chosen as the corpus. This choice was made because of the strong connection between language, culture, and text genres. The topic was chosen because there are different ways to understand this linguistic phenomenon, and this can be seen when we apply it to the music genre. Popular artistic expressions are a practical example of how the language is used every day and can show uses that are not found in grammar books or dictionaries. The song *Jack Soul Brasileiro*, in particular, stands out because it uses “brasileirismos” and adapted words that are common in daily speech and important for building both national and regional identity.

Keywords: Lexicon. Brasileirismos. Lenine.

[1] Possui bacharelado e licenciatura em Letras: Português-Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestranda em Língua Portuguesa.

1) Introdução

Esse trabalho tem por objetivo o estudo dos conceitos de "brasileirismo" a partir dos critérios estabelecidos por Celso Cunha em seu livro *Que é um brasileirismo?* e das contribuições de outros autores, como Joaquim Mattoso Câmara Jr., Antenor Nascentes e Gladstone Chaves de Melo sobre o tema. O artigo parte da hipótese de que os critérios propostos por Celso Cunha para a definição de "brasileirismo" ainda são válidos para compreender o léxico característico do português do Brasil, mas precisam ser revisitados à luz de novas formas de circulação linguística, como a presença lexical nos meios digitais. Para isso, o artigo propõe uma análise da canção *Jack Soul Brasileiro*, de Lenine, como um exemplo de uso artístico e cultural de brasileirismos, investigando em que medida os critérios de Cunha se aplicam ao texto da canção e quais limites enfrentam frente à realidade sociolinguística atual.

A escolha da canção como corpus se justifica por sua natureza híbrida entre oralidade e escrita, por refletir elementos culturais e identitários de um grupo social e por representar uma forma legítima de uso da linguagem em contextos autênticos. Gêneros orais ou orais-escritos, como as canções, são ricos em marcas linguísticas e culturais, sendo úteis para investigações lexicais e identitárias.

Como metodologia, foi utilizada a pesquisa bibliográfica referente ao tema *brasileirismos*, com destaque para a obra de Celso Cunha *Que é um brasileirismo?*, que aborda reflexões sobre as características desse fato linguístico, criando cinco critérios para o termo, além da análise terminológica em dicionários de grande prestígio, como o Houaiss, o Caldas Aulete e o Michaelis.

A análise do *corpus* foi feita usando como referência a categorização proposta por Celso Cunha (1987), que apresenta cinco critérios para identificar um brasileirismo: uso privativo, difusão geográfica, difusão social, sinonímia e origem antropogeográfica. A canção *Jack Soul Brasileiro*, de Lenine, foi escolhida como *corpus* por sua relevância cultural e por conter léxico representativo da identidade linguística brasileira. As palavras e expressões extraídas da letra foram classificadas segundo esses critérios e confrontadas com os registros lexicográficos dos dicionários Caldas Aulete, Houaiss e Michaelis. Também foram fundamentais os estudos sobre *brasileirismos* a partir de autores como Gladstone Chaves de Melo (1990) e Moreira (2016).

A fundamentação teórica baseia-se em obras sobre os gêneros textuais e sobre a relação entre língua, léxico e cultura, para isto, foram analisados textos de autores como Marcuschi (*Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*), Galindo (*Latim em Pó*), Birderman *(História Do Saber Lexical e Constituição de Um Léxico Brasileiro*) e Costa (*Canção popular e ensino da língua materna*).

Os conceitos de brasileirismo são analisados a partir do estudo do léxico, não sendo englobadas aqui estruturas fonológicas, morfológicas ou sintáticas de uso típico no Brasil, sendo um dos focos deste trabalho a percepção da contraposição entre o Português do Brasil e o Português de Portugal, bem como a relação da língua com a formação de uma identidade brasileira. Deste modo, um dos intuitos deste artigo é reforçar a identidade cultural por meio da língua e reconhecer a diversidade interna do Português.

Adicionalmente, o trabalho explora o uso de brasileirismos de forma prática e lúdica, baseando-se na música popular brasileira, tomando por exemplo a canção *Jack Soul Brasileiro*, do compositor pernambucano Lenine.

2) A relação entre gênero, léxico e brasileirismos

Os gêneros textuais são fenômenos históricos coletivos relacionados à sociedade e à cultura na qual estão inseridos. Para Marcuschi (2008), “eles contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia [...], é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero”. Mais do que um mero meio comunicacional de aspecto funcional cotidiano, os gêneros textuais servem de modelo para a análise do uso da língua em perspectiva oral e escrita, revelam variações linguísticas, expõem características identitárias e ideológicas, exibem preocupações estilísticas e manifestam as expressões culturais da sociedade. Ainda segundo o autor, “de difícil definição formal, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa” (Marcuschi, 2008).

Como objeto de análise léxica e cultural, destaca-se o gênero *canção*. Para Costa (2003), “o gênero *canção* é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação entre a materialidade verbal e a materialidade musical (rítmica e melódica)”. No Brasil, o gênero musical MPB (Música Popular Brasileira), inserido no macro gênero literomusical, contribui para a análise do panorama artístico e cultural da identidade brasileira a partir dos registros linguísticos documentados, cujo tema trataremos neste artigo por meio do estudo e avaliação dos léxicos apresentados na canção de Lenine.

Desde os primeiros séculos da colonização houve acontecimentos que favoreceram a troca de contatos linguísticos e a criação, ou apropriação, de léxicos que passaram a fazer parte do vocabulário da Língua Portuguesa em terras brasileiras. A partir do Tupi, os jesuítas encontraram um meio de ensinar o Português e evangelizar os indígenas. Oliveira (2023) cita o Estatuto do Indigenato, um documento colonial que estabelecia o "falar corretamente da Língua Portuguesa" um dos critérios estabelecidos para a aquisição do direito de cidadania pelos indígenas, como um dos fatores que motivou a troca linguística entre o Tupi e o Português. Ao se apropriarem do idioma e de sua estrutura morfossintática, os jesuítas passaram a criar palavras com afixos tupis que adentraram a Língua Portuguesa e formaram as Línguas Gerais, usadas pela maior parte da população que vivia na *terra brasilis*. Para Biderman (*apud:* Nunes e Peltier, 2002):

> Quanto ao vocabulário, os colonos portugueses foram enriquecendo seu vocabulário, acrescentando-lhes vocábulos designativos de seres, coisas e fatos sociais americanos. [...] os idiomas indígenas deixaram profundas marcas no português, sobretudo no léxico.

O segundo principal movimento que contribuiu para o uso de novos vocabulários é narrado em *Latim em Pó* (2022): "Num movimento que partia [...] do Nordeste açucareiro (onde as línguas gerais nunca tiveram a mesma prevalência), o Brasil de brancos e indígenas seria substituído por um Brasil mais negro". Sobre o assunto, Biderman acrescenta: "a influência dos idiomas africanos sobre o português brasileiro foi muito grande, sendo que essa influência exerceu-se com certeza no vocabulário, sendo grande o número de africanismos no português do Brasil". A autora cita algumas das línguas e culturas trazidas pelos escravos neste período, como o iorubá (ou ioruba) e nagô (da Nigéria), gege (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), quicongo, cabinda, etc.

Durante o processo de Independência e criação de uma identidade e unidade nacional, os estudos sobre Português voltaram-se para o uso e criação de neologismos no Brasil. "Assim esses intelectuais não abriam mão do pressuposto do Brasil ser reduto de vernaculidade" (Pinto, 1978, *In* Biderman, 2002). A língua falada no Brasil já diferenciava-se da Língua Portuguesa falada em Portugal a ponto de ganhar outros nomes como *dialeto brasileiro, luso-brasileiro, luso-americano, neoportuguês, brasileiro etc.*

As variações lexicais no português brasileiro podem ser compreendidas a partir de suas dinâmicas históricas e sociais. O contato com as línguas indígenas, especialmente o Tupi, a

chegada de populações africanas escravizadas, os desdobramentos políticos da Independência e a posterior imigração de colonos de diferentes nacionalidades compuseram um cenário linguístico extremamente diverso, distinto daquele observado em Portugal. Nesse contexto, o estudo das formações lexicais no Brasil e a definição do conceito de brasileirismo revelam-se fundamentais para a valorização da identidade cultural, refletida na língua.

Moreira (2016), afirma que:

> As primeiras considerações sobre os brasileirismos foram motivadas pela necessidade de registro de vocábulos que, no contexto da colonização portuguesa, constituíam uma distinção da variedade brasileira em face do português europeu (PE).

Por conseguinte, os estudos sobre esse fenômeno linguístico têm início com Visconde da Pedra Branca. Em seu livro *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à la langue du Portugal* (1826), Pedra Branca se desdobra sobre o "português falado no Brasil", comparando-o com o português lusitano. A obra cataloga o léxico utilizado em Portugal, mas que mudou de sentido no português corrente do Brasil, apontando uma certa autonomia no Português brasileiro em relação ao de Portugal. Entre os exemplos temos: "babado" = "cheio de baba" (Portugal) / "tecido em dobras ou pregas" (Brasil) e "chacota" = "canção popular" (Portugal)/ "zombaria" (Brasil). Visconde da Pedra Branca também registra palavras usadas no Brasil, mas de uso incomum em Portugal, como "yaiá" (pronome de tratamento feminino) e "quindim" (doce).

Ribeiro (1979, *apud* Oliveira), define *brasileirismos* como " vocábulos de origem americana, direcionados, principalmente, aos amadores e estudiosos do idioma português na América". O tema ganha destaque com Celso Cunha (1987) e seu livro *Que é um brasileirismo?*. A partir do trabalho de Pedra Branca e de autores estrangeiros, Cunha faz uma tentativa de aplicar ao português do Brasil os conceitos e critérios de "americanismos" e "chilenismos" propostos por Ambrosio Rabanales em *Introducción al estudio del español de Chile. Determinación del concepto de chilenismo* (1953).

Ao recorrermos a dicionários atuais, podemos constatar significados divergentes, apesar de parecidos, para o mesmo conceito. Destaca-se a divisão do termo em dois pontos de vista, o tradicional e o lexicográfico, como reforça Moreira (2016). Sob o dicionário Michaelis On-line, *brasileirismo* é " 1. Em sentido amplo, qualquer fato de linguagem característico do português usado no Brasil; 2. Do ponto de vista lexical, palavra, locução ou acepção peculiar ao português usado no Brasil.". Já o dicionário online Caldas Aulete define o termo por "Palavra,

locução, expressão idiomática ou modismo típicos da língua portuguesa do Brasil". O dicionário online Houaiss-UOL define o termo por: "2- em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, morfológico, sintático, lexical, estilístico) próprio do português do Brasil. 2.1 - sob o ponto de vista lexical, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa do português do Brasil.". Enquanto o Michaelis registra em seus verbetes a diferença entre *brasileirismo* e *regionalismo*, O Caldas Aulete e o Houaiss marcam essa diferença como *brasileirismo* e *brasileirismo de "determinada região"*.

Em *Que é um brasileirismo?*, Celso Cunha estende a noção de brasileirismo e propõe cinco critérios diferentes para o evento, tal qual os cinco critérios propostos por Rabanales para definir "chilenismos", que seriam debatidos e aceitos por outros linguistas brasileiros nos anos seguintes. Seriam eles: 1) Critério do uso privativo, 2) Critério da difusão geográfica, 3) Critério da difusão social, 4) Critério da sinonímia, 5) Critério da origem antropogeográfica. Além disso, passam a ser considerados outros fenômenos como expressões e construções sintáticas, não se limitando ao estudo de léxicos.

O critério do uso privativo baseia-se no conceito tradicional de contraste entre o estudo dos fatos do português do Brasil com o uso da língua portuguesa em outros países, em especial com Portugal, sendo, de acordo com Cavaliere (2022), o mais aceito entre os estudiosos da língua como Mattoso Câmara Jr, Sílvio Elia e Antenor Nascentes. Seriam brasileirismos apenas palavras, expressões ou usos gramaticais originários do Brasil, com uso restrito ao Brasil, ou seja, que não passaram a ser utilizados em outros países. Para Mattoso Câmara Jr., os brasileirismos podem ser de dois tipos, regionais, ou seja, falados em apenas uma parte do Brasil, ou gerais, falados por todo o território nacional.

Essa premissa ganhou força, sendo a mais difundida no século XX, entretanto, ao discutirmos sobre a Língua Portuguesa no século XXI, tal definição ganha alguns empecilhos: Segundo duas reportagens do ano de 2024 da BBC News Brasil (*O português de Portugal está ficando mais brasileiro?* e *Por que expressões típicas do Brasil estão pegando em Portugal?*), a internet conquistou espaço, principalmente os conteúdos de vídeos, que, já populares desde os anos 2000, ganharam força durante a pandemia de covid-19, dessa forma, os chamados *youtubers* e *tiktokers* brasileiros, criadores de conteúdos para plataformas digitais, exercem influência sobretudo entre a população mais jovem, não só entre os brasileiros, mas também entre falantes de língua portuguesa de outros países, inclusive Portugal, que adotaram em seu léxico, palavras até então usadas apenas no Brasil, como "geladeira", "grama", "bonitinho",

“legal”, “ônibus”, “bala”, “cara” (no lugar de pessoa), “demais” (expressando intensidade), “bagunça” e “fofoca” e expressões como “será que”, “estar a fim de” e “e aí”.

A onda migratória também é outro fator de relevância para a troca linguística e para usos cada vez mais frequentes de “brasileirismos” em terras lusitanas. Ainda de acordo com as reportagens, em 2024, havia ao menos 400 mil brasileiros morando legalmente na antiga metrópole. Com tamanha fusão de expressões e estruturas lexicais, torna-se mais complexo definir quais palavras ainda são brasileirismos segundo esse conceito, e quais não são. Assim, continuariam a ser brasileirismos apenas palavras de caráter mais regional, com uso restrito a certas regiões do Brasil. Sobre o tema, Gladstone Chaves de Melo defende: “Quanto melhor se conhece a língua arcaica e mais se investigam os falares portugueses, menor é o número de brasileirismos” (Melo, 1975, *apud* Cavaliere, 2022).

Outra questão que se impõe ao compararmos o português europeu com o português do Brasil é o debate sobre a existência de duas línguas ou sobre a existência de duas variantes do mesmo idioma. Janaína Behling, brasileira doutoranda em Coimbra e entrevistada da BBC, faz parte da geração de linguistas que defendem a cisão idiomática: “não dá mais para dizer que falamos português do Brasil [...] Dou aula de ‘brasileiro’ hoje em dia, porque algumas pessoas acham o brasileiro mais fácil do que o português. Isso para mim indica uma ruptura.”. Marcos Bagno, professor da Universidade de Brasília, também defende: “É preciso dizer, com todas as palavras, em alto e bom som: o português brasileiro é uma língua e o português europeu é outra. Muito aparentadas, muito familiares, mas diferentes”.

Serafim da Silva Neto (*apud* Cavaliere, 2022), por outro lado, argumenta que não há diferenças significativas na forma culta se comparados os usos em Portugal e no Brasil, não existindo motivos para que seja considerada uma ruptura linguística. Celso Cunha (1987) ao falar do Português do Brasil, defende que a língua falada na América é uma modalidade regional, e toda língua, por não ser estática, apresenta diferenças. Não existe uma condição que defina quando uma variante ganha autonomia a ponto de se tornar um novo idioma.

O segundo critério estabelecido por Cunha é o da difusão geográfica. Nele, “brasileirismo” seria qualquer fato ou vocábulo originário e restrito à região do Brasil, assim, os brasileirismos poderiam ser divididos em “carioquismos”, “baianismos”, “gauchismos” etc. Palavras e expressões típicas do Brasil, mas usadas na maior parte do território nacional, não seriam brasileirismos, mas “panbrasileirismo” ou “Português do Brasil”. Para Celso Cunha, não há termos “panbrasileiros” que não sejam usados em outros países de língua portuguesa. Silva

Neto defende esta acepção ao afirmar que “o qualificativo de brasileirismo só se deve aplicar a palavras de uso exclusivamente regional” (*apud* Cavaliere, 2022).

O terceiro critério, defendido por Laudelino Freire, é considerado purista, prevê a difusão social e considera por brasileirismos apenas palavras e expressões tipicamente brasileiras e cristalizadas pela camada escolarizada, não sendo incluídas gírias ou palavras de baixo calão, sendo essas caracterizadas por ele como “corrupções vocabulares” e “plebeísmos”.

O quarto critério é o critério da sinonímia. Por ele, só seriam brasileirismos palavras e vocábulos de origem brasileira com correspondente em outros países de língua portuguesa. Usos restritos ao Brasil seriam “Português do Brasil”. O único defensor de tal critério é Jorge Guimarães Daupiás:

> Se se trata de palavra que designa objeto, ser ou coisa que só no Brasil existe, brasileirismos, a nosso ver, não será, pertencendo o termo à língua portuguesa, da mesma forma que as palavras que designam coisas, seres ou objetos existentes só em Angola, Argélia, Marrocos, Japão, Índia, China, etc. Brasileirismo será se, tendo já o objeto nome em português, suceda darem-lhe outro os brasileiros. (*apud* Cavaliere, 2022).

O último critério, um dos mais importantes, defende a origem antropogeográfica. Assim, seriam brasileirismos palavras e expressões criadas e usadas no Brasil por brasileiros ou estrangeiros, inclusive palavras oriundas de outros idiomas, desde que tenham adentrado à língua portuguesa falada no Brasil por iniciativa dos próprios brasileiros. Este é o critério defendido por Gladstone Chaves de Melo, por exemplo.

Tal concepção, entretanto, põe em dúvida se termos africanos introduzidos ao português europeu antes do descobrimento do Brasil seriam brasileirismos. Celso Cunha defende que a rigor, palavras introduzidas ao português do Brasil por escravos radicados em terras brasileiras não seriam brasileirismos, mas *angolismos*.

Em relação à origem antropogeográfica, Gladstone Chaves de Mello (1990) desdobra esse critério em seis subtópicos ao buscar suas fontes etimológicas. Seriam eles: 1) Tupinismos; 2) Africanismos, 3) Vozes ameríndias e hispano-africanas; 4) Formações e derivações brasileiras; 5) Arcaísmos; 6) Brasileirismos quanto à significação; todos esses encontrados em toponímias, antroponímias, nomes de fauna e flora, termos musicais, termos da culinária, termos religiosos, termos de uso geral ou termos híbridos.

O detalhamento dos subtópicos anteriores sobre as possíveis origens etimológicas dos brasileirismos não têm grande relevância para este trabalho, que defende e reafirma a Língua Portuguesa falada no Brasil como um conjunto de léxicos, (além de expressões, estruturas

sintáticas, morfológicas e fonéticas) de caráter difuso, característica principal para a formação da nossa identidade nacional.

3) Jack Soul Brasileiro e os conceitos de brasileirismo a partir de Celso Cunha

A canção *Jack Soul Brasileiro* foi composta pelo cantor pernambucano Osvaldo Lenine Macedo Pimentel e lançada em 1999 no CD intitulado "Na Pressão".

A música, que faz referência à identidade nacional em seu título, também faz uma homenagem ao cantor e compositor paraibano José Gomes Filho, mais conhecido por Jackson do Pandeiro.

Nascido no início do século XX, Jackson do Pandeiro viveu os períodos da Segunda Guerra e da Guerra Fria, quando se desenvolveu a influência norte-americana e a cultura de massa com a consolidação dos Estados Unidos como potência mundial e a aproximação cultural com a Política da Boa Vizinhança. Neste contexto, a música popular brasileira também passa a incorporar elementos de outras culturas. Jackson do Pandeiro nos mostra em meio aos ritmos tipicamente nordestinos, como o coco, o forró e o samba, a influência do jazz, do soul e da rumba, por exemplo. A própria escolha do nome artístico revela esta troca cultural Brasil-Estados Unidos.

A homenagem de Lenine também reflete esta mistura, a letra da canção mescla termos típicos brasileiros, sejam eles relacionados aos ritmos nacionais, costumes ou objetos típicos, com termos de língua inglesa. É a partir desse vocábulo "brasileiro" que trabalharemos sobre os conceitos de brasileirismos.

> **Jack Soul** brasileiro
> E que som do **pandeiro**
> É certeiro e tem direção
> Já que subi nesse **ringue**
> E o país do **swing**
> É o país da contradição
> Eu canto pro rei da levada
> Na lei da **embolada**
> Na língua da percussão
> A dança **mugango dengo**
> A **ginga** do **mamolengo**
> O charme dessa nação

Ainda no título a canção faz uma brincadeira fonética: Jack Soul/ Já que sou brasileiro, indicando também que Jackson, apesar do nome artístico americano, tinha uma "alma brasileira". "Jack" e "soul", palavras de língua inglesa, são escolhidas para se contrapor a

termos da cultura e da música nacional. Entre as palavras oriundas do português falado no Brasil, estão:

ringue - Considerado brasileirismo pelo critério de derivação. Originário do inglês *ring*.

***swing*/suingue** - Considerado brasileirismo pelo critério da derivação. Originário do inglês *swing*.

embolada - Brasileirismo pelo critério da difusão geográfica, sendo característico do Nordeste, em especial, no estado de Pernambuco. Registrado como "brasileirismo do Nordeste" pelo dicionário Caldas Aulete, "regionalismo do Nordeste" no dicionário Michaelis On-line e por "brasileirismo do Nordeste do Brasil" no dicionário Houaiss-UOL.

mugango/muganga - Brasileirismo por regionalismo (expressão restrita ao Nordeste). De acordo com o dicionário Houaiss-UOL, a palavra foi registrada pela primeira vez em 1716, no *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Rafael Bluteau, e tem possível origem africana (vindo da língua quicongo), caracterizando, desta forma, um brasileirismo por origem antropogeográfica do tipo africanismo. A expressão também é presente no "Dicionário de Nordestinês", página de entretenimento do portal Terra. Considerado "brasileirismo" pelo dicionário Caldas Aulete.

dengo - Brasileirismo pelo critério de origem antropogeográfica (sub-classificada como africanismo). Panbrasileirismo ou Português do Brasil pelo critério de difusão geográfica, uma vez que é usada na maior parte do território nacional. Registrado como "brasileirismo" pelo dicionário Caldas Aulete e pelo Houaiss-UOL.

ginga - Panbrasileirismo ou Português do Brasil pelo critério de difusão geográfica, uma vez que é usada na maior parte do território nacional. Brasileirismo pelo critério do uso privativo, sendo um léxico originário do Brasil, com uso restrito ao Brasil. Registrado como "brasileirismo" pelo dicionário Caldas Aulete e pelo Houaiss-UOL.

mamolengo/mamulengo - (apresentação de fantoche). Brasileirismo pelo critério de origem antropogeográfica, sendo um vocábulo típico da região Nordeste. Registrado como "brasileirismo do Nordeste" pelo Caldas Aulete, "regionalismo do Nordeste" pelo Michaelis e "brasileirismo do Nordeste do Brasil" pelo dicionário Houaiss-UOL.

> Quem foi que fez o **samba** embolar?
> Quem foi que fez o **coco** sambar?
> Quem foi que fez a ema gemer na boa?
> Quem foi que fez do coco um **cocar?**
> Quem foi que deixou um oco no lugar?
> Quem foi que fez do sapo cantor de lagoa?

E diz aí, Tião
Tião. Oi.
Foste? Fui
Compraste? Comprei
Pagaste? Paguei
Me diz quanto foi
Foi 500 reais
Me diz quanto foi
Foi 500 reais. [...]

samba - Panbrasileirismo ou Português do Brasil . O termo “samba” já é utilizado não só em outros países de língua portuguesa, mas também em outros idiomas, não podendo ser caracterizado como “brasileirismo” pelo critério do uso privativo , nem pelo critério de difusão geográfica, uma vez que é utilizado por todo o território nacional. É considerado brasileirismo pelo critério da origem antropogeográfica, sendo um africanismo, com possível origem na língua quimbundo. Considerado “brasileirismo” pelo dicionário Caldas Aulete e pelo dicionário Houaiss-UOL.

coco - Brasileirismo pelo critério de origem antropogeográfica (o coco é uma dança típica do estado de Alagoas). Considerado “brasileirismo” pelo dicionário Caldas Aulete e “brasileirismo do Norte e do Nordeste” pelo dicionário Houaiss-UOL.

cocar - Brasileirismo pelo critério do uso privativo, em comparação com o português brasileiro e com o português lusitano, também pode ser considerado panbrasileirismo ou Português do Brasil devido ao seu uso não restrito a uma determinada parte do Brasil. Considerado “brasileirismo” pelo Dicionário Houaiss-UOL.

Jack Soul brasileiro
Do tempero, do **batuque**
Do truque, do picadeiro
E do pandeiro, e do **repique**
Do **pique** do **funk rock**
Do toque da platinela
Do samba na passarela
Dessa alma brasileira
Despencando da ladeira
Na **zueira** da **banguela**
Essa alma brasileira
Despencando da ladeira
Na zueira da banguela [...]

batuque - Possivelmente originária do ronga ou do quimbundo, a palavra é um africanismo e pode ser considerada brasileirismo pelo critério da origem antropogeográfica. Considerada “brasileirismo” pelo dicionário Houaiss-UOL.

repique - De acordo com o dicionário Houaiss-UOL, “*Etn. Mús. MA*. Grupo de zabumbas que segue o meão.”. Expressão típica do Nordeste, em especial, no Maranhão. Pode ser considerado brasileirismo pelo critério da origem antropogeográfica.

pique - De origem controversa, a expressão é usada por quase todo território brasileiro. Considerado brasileirismo pelo critério da sinonímia (com o sentido de "grande disposição; entusiasmo, garra", corresponde ao vernáculo português *pica*) . Registrado como "brasileirismo" pelo dicionário Caldas Aulete.

funk **-** Considerado brasileirismo pelo critério da origem antropogeográfica. Palavra incorporada à língua portuguesa por iniciativa dos próprios brasileiros e sem alteração na grafia original.

rock **-** Considerado brasileirismo pelo critério da origem antropogeográfica. Palavra incorporada à língua portuguesa por iniciativa dos próprios brasileiros e sem alteração na grafia original.

zueira/zoeira - Gíria típica do Rio de Janeiro. Pode ser considerado brasileirismo tanto pelo critério geográfico, quanto pelo critério do uso privativo.

banguela - Expressão usada somente no Brasil para se referir à descida de uma ladeira com a marcha em ponto morto. Pode ser considerado brasileirismo por uso privativo. Considerado "brasileirismo" tanto pelo dicionário Caldas Aulete, quanto pelo Houaiss-UOL.

> Eu só ponho **bebop** no meu samba
> Quando o tio Sam
> Pegar no tamborim
> Quando ele pegar
> No pandeiro e no **zabumba**
> Quando ele entender
> Que o samba não é **rumba**
> Aí eu vou misturar
> Miami com Copacabana
> **Chiclete** eu misturo com banana
> E o meu samba, e o meu samba
> Vai ficar assim
> Ah, ema gemeu (6 x)

bebop - Vernáculo encontrado em dicionários de língua portuguesa, como o Caldas Aulete e o Houaiss-UOL, mas não registrado no VOLP. Considerado brasileirismo pelo critério da origem antropogeográfica. Palavra incorporada à língua portuguesa por iniciativa dos próprios brasileiros e sem alteração na grafia original.

zabumba - De acordo com os dicionários Caldas Aulete e Houaiss-UOL, o mesmo que *cuíca*, expressão mais usada em Portugal (apesar de haver algumas diferenças técnicas)**.** Pode ser considerado, então, um brasileirismo pelo critério da sinonímia. Ambos registram o termo "zabumba" como um "brasileirismo da região Nordeste do Brasil", o que torna o termo um brasileirismo por critério geográfico, critério mais aceitável.

rumba - Palavra de origem espanhola que entrou no vernáculo do Português do Brasil por livre iniciativa dos falantes brasileiros, caracterizando um brasileirismo por critério geográfico. Por sua origem espanhola-americana, também pode ser considerada um brasileirismo de "vozes ameríndias e hispano-americanas".

chiclete - apesar de usado na canção como referência a um produto popular americano, o termo tem como origem *chicle*, palavra náuate (língua falada pelos astecas), que adentrou à língua portuguesa falada no Brasil a partir de derivação (*chicle* + o sufixo *-ete)*, podendo ser caracterizado como um brasileirismo conforme critério antropogeográfico. Diferente das outras palavras, *chiclete* adentrou a língua portuguesa por metonímia (uso do nome do produto pelo nome da marca), dado que surge com a marca de goma de mascar *Chiclets.*

4) Tabela comparativa

PALAVRA	CLASSIFICAÇÃO	ORIGEM	CRITÉRIO
ringue	Brasileirismo	Inglês	Derivação
swing/suingue	Brasileirismo	Inglês	Derivação
embolada	Brasileirismo do Nordeste; Regionalismo	Nordeste (Pernambuco)	Difusão Geográfica
mugango/muganga	Brasileirismo do Nordeste; Regionalismo; Africanismo	Possível origem africana (quicongo)	Regionalismo (Nordeste)/ Africanismo (Origem antropogeográfica)
dengo	Brasileirismo; Panbrasileirismo; Africanismo	Africanismo	Difusão Geográfica/ Uso Privativo
ginga	Brasileirismo; Panbrasileirismo	Brasil	Origem antropogeográfica (Nordeste)
mamolengo/ mamulengo	Brasileirismo; Brasileirismo do Nordeste; Regionalismo	Nordeste	Origem antropogeográfica/ Panbrasileirismo
samba	Panbrasileirismo; Africanismo; Brasileirismo	Possível origem africana (quibundo)	Origem antropogeográfica
coco	Brasileirismo; Brasileirismo do Nordeste	Dança típica de Alagoas	Origem antropogeográfica
cocar	Panbrasileirismo;	Brasil	Uso privativo

	Brasileirismo Tupinismo?		
batuque	Brasileirismo; Africanismo	Possível origem ronga ou quibundo	Origem antropogeográfica
repique	Brasileirismo do Nordeste	Maranhão	Origem antropogeográfica
pique	Brasileirismo	Brasil	Sinonímia
funk	Brasileirismo	Inglês	Origem antropogeográfica
rock	Brasileirismo	Inglês	Origem antropogeográfica
zueira/zoeira	Brasileirismo	Rio de Janeiro	Geográfico, Uso Privativo
banguela	Brasileirismo	Brasil	Uso Privativo
bebop	Brasileirismo	Inglês	Origem antropogeográfica
zabumba	Brasileirismo do Nordeste	Nordeste	Sinonímia/Geográfico
rumba	Brasileirismo; Ameríndio; Hispano-americano	Espanhol	Geográfico
chiclete	Brasileirismo	Palavra náuate (língua asteca)	Derivação / Antropogeográfico (por metonímia – marca de goma de mascar Chiclets)

Considerações finais

As composições lexicais no Português do Brasil derivam de sua narrativa cronológica e fatos sociais. O contato entre portugueses e as sociedades autóctones que aqui viviam e falavam o Tupi durante os primeiros anos de ocupação e colonização, marca a primeira fase do surgimento e criação de brasileirismos (ou tupinismo, a depender da perspectiva linguística). As fases açucareira e mineradora culminaram na chegada de populações africanas escravizadas, integrando vocábulos dos dialetos oriundos da África no Português do Período Colonial.

O processo de Independência e tentativa de uma (re)constituição nacional, com forte influência de latinismos e galicismos contribuiu para o surgimento de neologismos e novos léxicos tipicamente brasileiros. A chegada, em momentos posteriores, de colonos oriundos de diversas nacionalidades ampliou ainda mais a diversidade linguística em formação no Brasil,

conferindo-lhe características notoriamente distintas daquelas do português falado em Portugal. Nesse contexto, o estudo das formações lexicais no Brasil e a definição do conceito de brasileirismo revelam-se fundamentais para a valorização da identidade cultural, refletida na língua

Em geral, o conceito de brasileirismo ainda é definido pelo contraste entre o Português do Brasil e o Português de Portugal, utilizando como característica principal o critério do uso privativo. Quanto à diferença entre brasileirismo e regionalismo linguístico, há certa confusão entre suas definições, o que já havia sido apontado por Celso Cunha em 1987. Enquanto alguns dicionários fazem o registro de "brasileirismo" e "brasileirismo típico de determinada região", outros consideram como brasileirismo palavras faladas em todo território nacional, e classificam palavras típicas do Norte, Nordeste, etc como regionalismos.

O critério antropogeográfico sobre o uso de palavras estrangeiras no dia a dia dos falantes de português do Brasil e a inclusão de termos do inglês ou de línguas ameríndias como *brasileirismo* não é aceita pelos dicionários analisados. *Funk* e *Rock*, por exemplo, não são considerados nem "brasileirismos", nem "estrangeirismos", nem "anglicismos", entretanto, palavras de origem africana ou indígena são por eles consideradas brasileirismos.

Poucos são os materiais que abordam diretamente sobre o tema, de modo que não é possível fazer um estudo comparativo complexo, deste modo, Visconde da Pedra Branca, Celso Cunha, Gladstone Chaves de Melo e Moreira ganham destaque como referências bibliográficas.

Referências

BIDERMAN, MTC. **A formação e a consolidação da norma lexical e a lexicográfica no Português do Brasil.** In: Nunes JH, Petter M, organizadores. História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Pontes; 2002. p. 62-82.

BRASILEIRISMO. *In.* Dicionário Caldas Aulete. 2024. Disponível em: Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de brasileirismo Acesso em: 14 jul. 2024.

BRASILEIRISMO. *In.* Michaelis On-line. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2024. Disponível em: Brasileirismo | Michaelis On-line (uol.com.br). Acesso em: 13 jul. 2024.

BRAUN, Júlia.. O português do Brasil está ficando mais brasileiro? As expressões ouvidas com cada vez mais frequência no Brasil. 6 de abril de 2024. Disponível em: **O português de Portugal está ficando mais brasileiro? As expressões ouvidas com cada vez mais frequência no país - BBC News Brasil**. Acesso em: 13 jul. 2024.

BRAUN, Júlia. Portugueses falando “brasileiro”? Como variante do idioma usada no Brasil influencia Portugal. 2 de abril de 2024. Disponível em: **Portugueses falando ‘brasileiro’? Como variante usada no Brasil influencia em Portugal - BBC News Brasil.** Acesso em: 13 jul. 2024.

CALHEIROS, Celso. **Dicionário de Nordestinê**s. Disponível em: Dicionário de nordestinês (terra.com.br). Acesso em: 13 jul. 2024.

CAVALIERE, Ricardo. **Conceito de Brasileirismo**. Rio de Janeiro. 28 mar. 2022. Apresentação de Powerpoint. 18 slides. color.

COSTA, Nelson Barros da. **Canção popular e ensino da língua materna**: o gênero canção nos parâmetros curriculares de língua portuguesa. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 9-36, jul./dez. 2003.

CUNHA, C. **Que é um brasileirismo?** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

DUARTE, Cláudia. Cultura Popular: **A identidade Nacional na Canção Jack Soul Brasileiro.** V ENALLI, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: Padrão (template) para submissão de trabalhos ao (feevale.br). Acesso em: 13 jul. 2024.

GALINDO, Caetano W. **Latim em pó: Um passeio pela formação do nosso português**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Grande Dicionário Houaiss. UOL, 2024. Disponível em: Houaiss na UOL. Acesso em: 15 jul. 2024.

LENINE. Jack Soul Brasileiro. Disponível em: Jack Soul Brasileiro - Lenine - LETRAS.MUS.BR. Acesso em: 13 jul. 2024

LENINE. *Jack Soul Brasileiro*. Na pressão. Recife: BMG, 1999. 1 CD (3 min 42 s). Letra de Lenine e Dudu Falcão.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: __. Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas. São Paulo: Cortez, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. **O português do Brasil**. Revista do Brasil, São Paulo, n.?, p. 106–115, dez. 1990.

MOREIRA, BEC. **Redescobrindo os Brasileirismos**. Filologia, Linguística e Língua Portuguesa, USP: São Paulo, v. 18, ed. 2, p. 421-442, dez 2016. Disponível em: https://revistas.usp.br/flp/article/view/113610/120244. Acesso em: 14 jul. 2024.

NASCIMENTO, Karina. **Em torno do conceito de brasileirismos**. CiFeFil, UFRJ: Rio de Janeiro. Disponível em: **http://www.filologia.org.br/revista/26/07.pdf.** Acesso em: 13 jul. 2024.

OLIVEIRA, Nathalia Santiago de. **A língua nacional e outros estudos linguísticos:** uma narrativa historiográfica. Revista Formare, v. 11, n. 2, p. 123-145, 2023. Universidade Federal do Piauí - UFPI. Disponível em: [link do artigo, se disponível]. Acesso em: 20 set. 2025.